

PRÁTICAS MUSICAIS LOCAIS: ALGUNS INDICADORES PRELIMINARES¹

Salwa El-Shawan Castelo-Branco

Maria João Lima

A música enquanto processo social, produto cultural e comportamento expressivo desempenha um papel fundamental na sociedade portuguesa. No entanto, o vasto conjunto de práticas musicais que têm lugar em Portugal a nível local permanece desconhecido pelas entidades oficiais, pelos potenciais patrocinadores e mesmo pelos estudiosos. Os escassos indicadores existentes da vida musical focam essencialmente as actividades ligadas à música erudita (Barreto, 1996), o financiamento público das actividades musicais (INE, 1998) e as preferências musicais dos lisboetas (Pais, 1994) e dos portuenses (Silva e Santos, 1995), havendo pouca ou nenhuma informação disponível sobre as realidades musicais que envolvem as populações locais.

O estudo etnomusicológico das práticas musicais locais e de outras realidades musicais em Portugal e nos outros países de expressão portuguesa constitui um dos objectivos do Instituto de Etnomusicologia (INET) da Universidade Nova de Lisboa, um centro de investigação fundado em 1995. A etnomusicologia, um domínio multidisciplinar que visa o estudo da música enquanto processo cultural e social, foi introduzida como disciplina académica com a criação do Departamento de Ciências Musicais da Universidade Nova de Lisboa em 1980. Do programa de investigação do INET, destacamos os seguintes projectos:

- “A revivificação do património expressivo tradicional em Portugal no século XX”, projecto financiado pelo Programa Lusitânia do Instituto Camões e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). Este projecto consiste no estudo multidisciplinar dos processos de representação das tradições locais e das políticas culturais que contribuem para a sua configuração.

- “Dicionário multimédia da Cultura Expressiva em Portugal”, projecto financiado pelo programa Praxis XXI. Trata-se de um projecto que resultará na elaboração de uma obra de referência actualizada que abrange todos os domínios de música em Portugal no século XX.

- “As práticas musicais no universo das comunidades migrantes na área da grande Lisboa”, projecto financiado pelo programa específico para as Ciências Sociais e Humanas da FCT. Este

¹ Agradecemos aos membros do Instituto de Etnomusicologia (INET) que participaram no levantamento em que se baseiam alguns dos indicadores preliminares apresentados, em particular à Dr.^a Carla Raposeira Silva. Estamos também reconhecidas ao Dr. José Soares Neves pelo apoio que nos prestou na elaboração e análise dos gráficos. Os nossos agradecimentos às entidades que forneceram os dados que serviram de base para este estudo.

projecto visa o estudo multidisciplinar das práticas musicais das comunidades migrantes na área da grande Lisboa e do seu papel na integração das referidas comunidades na sociedade de acolhimento.

Este artigo tem o objectivo de apresentar alguns indicadores preliminares das práticas musicais locais. O levantamento dos dados foi realizado no âmbito do projecto “A revivificação do património expressivo tradicional em Portugal no século XX”. O universo de pesquisa é constituído por grupos musicais formalmente estruturados que, em muitos casos, representam os veículos predominantes de expressão musical e coreográfica (no caso dos grupos folclóricos) local. Trata-se de grupos que mantêm actividades musicais regulares, que contam com uma constituição estável e com direcções artísticas e administrativas. Estes grupos têm frequentemente uma existência jurídica autónoma, ou integram associações recreativas que promovem um conjunto mais vasto de actividades. Neste levantamento não estão incluídos grupos e músicos profissionais, grupos que se formam ocasionalmente no contexto de um evento sem haver uma colaboração regular dos seus membros, grupos em processo de formação ou músicos individuais.

O levantamento dos grupos formalmente estruturados foi realizado a partir de publicações existentes (Federação do Folclore Português, 1996; INATEL, 1997 e Pereira, 1997) e junto de várias entidades locais e nacionais incluindo: Câmaras Municipais, Regiões de Turismo, Delegações Regionais do INATEL e Federação do Folclore Português. Os dados coligidos a partir de várias fontes foram cruzados e confirmados e as discrepâncias corrigidas. Apesar da falta de resposta de quatro Câmaras Municipais e de algumas lacunas na informação disponível, julgamos que o levantamento em que se baseia o presente estudo é uma boa aproximação a uma parte significativa da realidade musical local.

Grupos Musicais Locais

O levantamento efectuado pelo INET em 1997 e 1998 aponta para um universo de cerca de 5.000 grupos que abrangem vários domínios musicais como a música tradicional, popular, folclórica, erudita, ligeira, moderna, pop-rock, jazz e a música das comunidades migrantes sobretudo dos PALOP que residem na área metropolitana de Lisboa. Deste universo que tem revelado uma tendência genérica para o crescimento, seleccionámos para análise neste artigo os grupos formalmente estruturados que pretendem representar através dos seus desempenhos a sua área geográfica e/ou cultural, ou mesmo Portugal na sua totalidade, e que participam regularmente em eventos locais. Este tipo de agrupamentos representa uma parte significativa da actividade musical e coreográfica (no caso dos Grupos Folclóricos) não profissional a nível local, e dependem, em grande parte, de apoios financeiros das autarquias e do INATEL, bem como dos contratos

estabelecidos para as suas actuações. Trata-se de um universo de 3.720 grupos activos (quadro nº 1)².

Quadro nº 1
Tipos de Grupos Musicais Locais (1998)

Tipos de Grupos	Número	%
Grupos Folclóricos	2.075	55,8
Bandas Filarmónicas / Fanfarras	789	21,2
Grupos Corais Tradicionais	341	9,2
Grupos de Música Popular/ Tradicional	261	7,0
Grupos de Instrumentos Tradicionais	152	4,1
Tunas	102	2,7
<i>Total</i>	3.720	100,0

Fonte: Banco de dados do INET (Setembro de 1998).

Cada um destes grupos conta em média com cerca de 25 membros. A maioria possui um património que inclui instrumentos e partituras musicais, indumentárias, sistemas de amplificação do som e um arquivo documental (por vezes também sonoro). Alguns grupos têm uma sede, um veículo de transporte ou um museu próprios. As suas actividades regulares incluem ensaios e actuações em eventos locais com especial destaque para as festas religiosas e profanas, os festivais, os encontros de grupos do mesmo tipo e outros espectáculos. Muitos destes grupos actuam também no estrangeiro para as comunidades portuguesas ou em festivais. Além das actuações ao vivo, alguns têm editado fonogramas (cassetes, LPs, CDs). Quanto a repertórios, as Bandas Filarmónicas e as Tunas cruzam vários domínios musicais desde a música popular, aos arranjos de música tradicional, erudita e ligeira. Os restantes tipos de grupos cingem-se à interpretação e recriação de repertórios tidos como tradicionais e/ou populares³.

A comparação do número de grupos recenseados em cada categoria apresentada revela a importância do movimento folclórico em Portugal, sendo que os Grupos Folclóricos representam 56% do total dos grupos que constituem o universo de pesquisa (quadro nº 1). Este fenómeno, que tem paralelos noutros países europeus, remonta em Portugal ao princípio do século XX. No entanto, apesar da sua importância quer na mobilização de recursos humanos e financeiros locais quer enquanto veículos de representação de tradições locais (música, dança, traje) e de construção simbólica de identidades, o processo de folclorização em Portugal só recentemente recebeu a

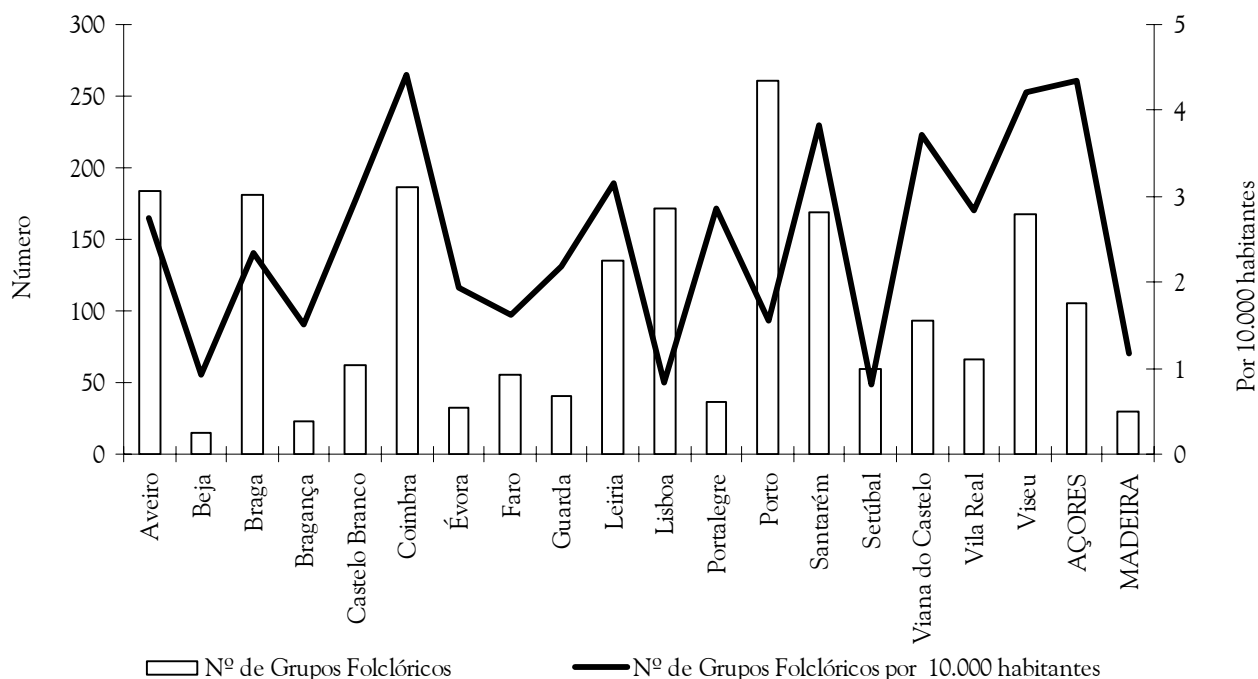
² A tipologia utilizada neste artigo referente a domínios e grupos musicais baseia-se no conhecimento actual de várias realidades musicais locais a partir da perspectiva dos seus produtores e receptores. Para uma breve caracterização dos grupos folclóricos, das bandas filarmónicas e dos grupos corais alentejanos, vide Castelo-Branco (1997).

³ As características dos grupos que pretendem representar as tradições locais serão alvo de uma análise pormenorizada a partir dos dados recolhidos através de um inquérito por questionário de âmbito nacional que integra o projecto do INET "A revivificação do património expressivo tradicional no século XX".

atenção de alguns investigadores (Castelo-Branco, 1997: 33-49; Vasconcelos, 1997; Carvalho, 1990 e Sardo, 1988).

No que respeita à distribuição geográfica dos Grupos Folclóricos, constata-se que todos os distritos contam com um mínimo de 15 grupos, valor registado em Beja, tendo sido os valores máximos registados nos distritos do litoral: Porto (261 grupos), Coimbra (187 grupos), Aveiro (184 grupos) e Braga (181 grupos). Tendo em conta a dimensão populacional, os Grupos Folclóricos têm uma maior expressividade na Região Autónoma dos Açores e no distrito de Coimbra (4,4 Grupos Folclóricos/10.000 habitantes), seguidos de Viseu (4,2), Santarém (3,8) e Viana do Castelo (3,7) (gráfico nº 1).

Gráfico nº 1
Grupos Folclóricos nos Distritos do Continente e Regiões Autónomas em 1998
(número e por 10.000 habitantes)



Fonte: Banco de dados do INET (Setembro de 1998), INE, *Estimativas da População Residente em 1995*.

A seguir aos Ranchos Folclóricos, são as Bandas Filarmónicas que têm maior expressividade, visto que representam 21% do total dos grupos que constituem o universo de pesquisa (quadro nº 1). Estes agrupamentos, cuja história em Portugal remonta pelo menos ao primeiro quartel do século XIX, são indispensáveis nas festas religiosas e constituem uma rede paralela de escolas de música em todo o país. O estudo sistemático das Bandas Filarmónicas só recentemente tem merecido a atenção dos investigadores (Castelo-Branco, 1997: 63-73; Lameiro, 1997).

No que respeita à distribuição geográfica das Bandas Filarmónicas, constata-se que todos os distritos contam com várias, sendo o valor máximo de 120 bandas registado na Região Autónoma dos Açores (único distrito com mais de 70 Bandas Filarmónicas), enquanto o valor mínimo de 9 Bandas Filarmónicas foi registado em Viana do Castelo. No continente, são os distritos do litoral que têm uma implantação expressiva de Bandas Filarmónicas, contando os distritos de Aveiro e Lisboa com 68 bandas, seguidos dos distritos de Santarém e do Porto com 62 e 59 bandas respectivamente. A ponderação do número de Bandas Filarmónicas pela dimensão populacional nos distritos do continente revela que são os distritos do interior e do centro que têm o maior envolvimento neste movimento. Deste modo, nos distritos de Bragança, Évora e Guarda existem 1,6 Bandas Filarmónicas/10.000 habitantes, seguidos dos distritos de Santarém com 1,4 e Viseu e Castelo Branco com 1,3. Por outro lado, os distritos com maior dimensão populacional têm o índice mais baixo de Bandas Filarmónicas por habitante com os distritos de Lisboa e Braga com 0,3/10.000 habitantes e os distritos do Porto, Faro e Viana do Castelo com 0,4 (gráfico nº 2).

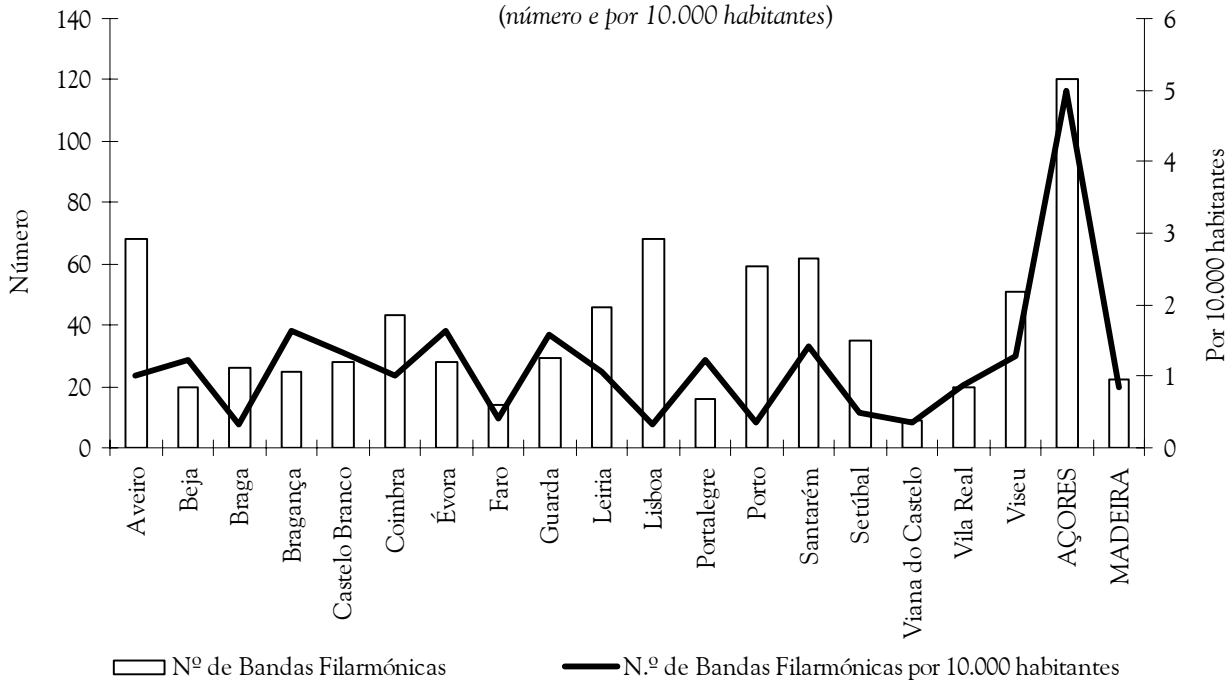
Tendo em atenção o total de grupos que constitui o universo deste estudo, constata-se que a distribuição geográfica é desigual, quer em números absolutos, quer quando os resultados são ponderados pela dimensão populacional. O maior número de grupos encontra-se nos distritos do litoral norte do Tejo, nomeadamente no distrito do Porto (407 grupos) seguido pelos distritos de Aveiro (325) e Lisboa (299). No interior, os distritos de Braga e Viseu têm a maior concentração com 286 e 285 grupos recenseados. Atendendo à dimensão populacional, a Região Autónoma dos Açores regista o maior número de grupos por 10.000 habitantes, tendência que também se verifica nesta região nos casos dos Grupos Folclóricos (4,4) e das Bandas Filarmónicas (5,0) (gráfico nº 3). No continente, é nos distritos do interior que encontramos o maior índice de grupos por habitante, com o distrito de Beja⁴ a atingir 8,8 grupos/10.000 habitantes, seguido dos distritos de Viseu com 7,1 e Portalegre com 6,8. Os distritos com maior número absoluto de grupos e habitantes têm a mais baixa concentração de grupos relativamente à população. Assim, o distrito de Lisboa tem apenas 1,5 grupos/10.000 habitantes, enquanto que o distrito de Setúbal conta 2,1, seguido do distrito do Porto com 2,4.

⁴ Este resultado deve-se essencialmente à elevada implantação dos Grupos Corais Alentejanos que totalizam 93 neste distrito.

Gráfico nº 2

Bandas Filarmónicas nos Distritos do Continente e Regiões Autónomas em 1998

(número e por 10.000 habitantes)

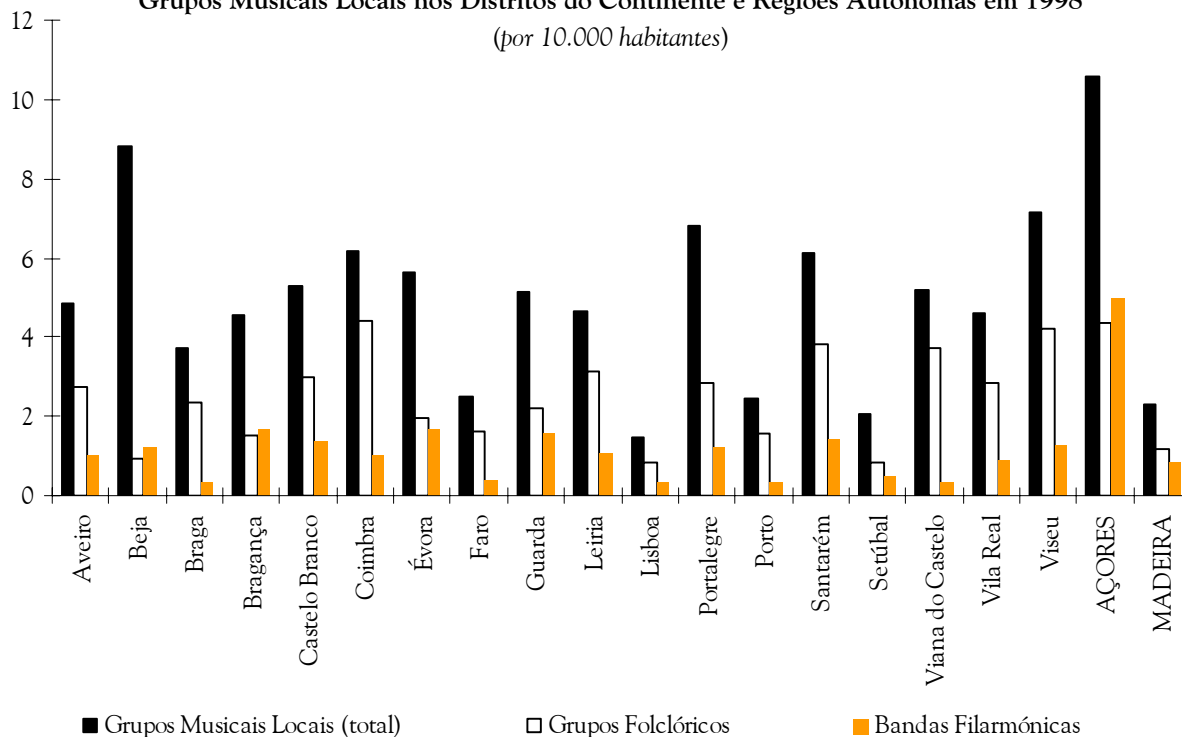


Fonte: Banco de dados do INET (Setembro de 1998), INE, *Estimativas da População Residente em 1995*.

Gráfico nº 3

Grupos Musicais Locais nos Distritos do Continente e Regiões Autónomas em 1998

(por 10.000 habitantes)



Fonte: Banco de dados do INET (Setembro de 1998), INE, *Estimativas da População Residente em 1995*.

Observações Finais

Os indicadores preliminares apresentados revelam a grande dinâmica da vida musical a nível local sobretudo na Região Autónoma dos Açores, nos distritos do interior e em alguns distritos do litoral a norte do Tejo com uma baixa concentração populacional. Estes indicadores merecem a atenção dos políticos culturais e dos investigadores. Uma ampla discussão das hipóteses e questões levantadas pelos resultados apresentados e das possíveis linhas analíticas a desenvolver extravasa os limites deste artigo. Pensamos estar perante um processo de construção de identidades locais através de “modos simbólicos” (música, dança, gestos, traje etc...) (Hannerz, 1996: 21) particularmente expressivo nas regiões periféricas, no interior, e em algumas regiões do litoral. O futuro estudo deste processo deve ter em conta o quadro mais vasto de globalização e as suas implicações em termos da redefinição do “local”. O conhecimento aprofundado deste processo poderá contribuir para a compreensão de um dos aspectos que caracterizam a cultura contemporânea em Portugal no final do século XX.

BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, António (org.) (1996), *A Situação Social em Portugal, 1960-1995*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- CARVALHO, João Filipe Soeiro de (1990), *Ranchos Folclóricos: A Strategy for Identity Among Portuguese Migrants in New Jersey*, tese de mestrado, Nova Iorque, Columbia University.
- CASTELO-BRANCO, Salwa El-Shawan (1997), *Voix du Portugal*, Paris, Actes Sud.
- FEDERAÇÃO DO FOLCLORE PORTUGUÊS (1996), *Grupos e Ranchos Federados Ano de 1996: Lista dos seus Festivais*, Arcozelo, Federação de Folclore Português.
- HANNERZ, Ulf (1996), *Transnational Connections: Culture, People, Places*, London, Routledge.
- INATEL (1997), *Bandas Coros Escolas de Música*, Lisboa, Instituto Nacional para o Aproveitamento dos Tempos Livres dos Trabalhadores – Divisão de Etnografia e Folclore.
- INE (1998), *Estatísticas da Cultura, Desporto e Recreio 1996*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística.
- LAMEIRO, Paulo (1997), “Práticas musicais nas festas religiosas do concelho de Leiria: um lugar privilegiado das Bandas Filarmónicas” in AAVV, *Actas dos 2^{os} Cursos Internacionais de Verão de Cascais (17 a 22 de Julho)*, pp. 1-41, Cascais, Câmara Municipal de Cascais.
- PAIS, José Machado (coord.) (1994), *Práticas Culturais dos Lisboaetas: Resultados do Inquérito Realizado em 1994 aos Habitantes de Lisboa*, Lisboa, Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- PEREIRA, José Francisco (1997), *Corais Alentejanos*, Lisboa, Edições Margem.

- SARDO, Susana (1988), “O papel do grupo folclórico (federado) no contexto da música popular portuguesa”, in PERDIGÃO, Maria Madalena de Azeredo (dir.), *Boletim* nº 58, pp. 58-59. Lisboa, Associação Portuguesa de Educação Musical.
- SILVA, Augusto Santos e SANTOS, Helena (1995), *Prática e Representação das Culturas: Um Inquérito na Área Metropolitana do Porto*, Porto, Centro Regional de Artes Tradicionais.
- VASCONCELOS, João (1997), “Tempos remotos: a presença do passado na objectivação da cultura local”, in *Etnográfica: Revista do Centro de Estudos de Antropologia Social*, Ano 1, vol. 2, pp. 213-235, Lisboa, Celta.